

ENTREVISTA

DILEMAS DA PÓS-MEMÓRIA

Entrevista com Marianne Hirsch

FERNANDO GOMES GARCIA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre | Rio Grande do Sul | Brasil
eroestrato@gmail.com
orcid.org/0000-0002-0211-8999

SABRINA COSTA BRAGA

Universidade Federal de Goiás
Goiânia | Goiás | Brasil
sabrinacostabraga94@gmail.com
orcid.org/0000-0001-9164-7560

Marianne Hirsch é Professora Emérita William Peterfield Trent de Inglês e Literatura Comparada do Instituto de Estudos de Sexualidade e Gênero da Universidade de Columbia. Hirsch nasceu na Romênia em 1949, imigrou para os Estados Unidos em 1962 e estudou na Brown University. Ela combina teoria feminista e estudos de memória, especialmente acerca da transmissão de memórias de violência entre gerações. É uma das principais acadêmicas em seu campo e mais conhecida por ter cunhado o termo pós-memória em 1990, ao escrever sobre Art Spiegelman.

Alguns de seus escritos importantes incluem o artigo *Surviving Images: Holocaust Photographs and the Work of Postmemory* (2001), os livros *The Generation of Postmemory: Writing and Visual Culture After the Holocaust* (2012) e *Family Frames: Photography, Narrative, and Postmemory* (1997). Ela também escreveu livros em colaboração com Leo Spitzer: *Ghosts of Home: The Afterlife of Czernowitz in Jewish Memory* (2010); *School Photos in Liquid Time: Reframing Difference* (2019). O conceito de pós-memória, conforme articulado por Marianne Hirsch (1992, 2008, 2012), explora a transmissão intergeracional de traumas, concentrando-se especialmente no relacionamento entre descendentes de segunda ou terceira geração e eventos históricos traumáticos anteriores ao seu nascimento. Esses eventos traumáticos são transmitidos às gerações seguintes por meio de canais familiares e culturais. A opacidade dessa memória profunda – resistente à resolução por meio de narrativas históricas convencionais ou formas de representação – ressalta a complexidade intelectual e emocional duradoura do trauma. Eva Hoffman (2004, 10-13), também filha de sobreviventes do Holocausto, reflete sobre como seu envolvimento com a escrita fez com que o Holocausto deixasse de ser uma presença latente e nebulosa para se tornar um tema definidor e uma influência inegável em sua vida. Por meio desse processo, as memórias pessoais se entrelaçaram com a compreensão histórica, ressaltando seu valor como fonte

para examinar os impactos sociais profundos e duradouros de eventos catastróficos. Consequentemente, as implicações de tais histórias transcendem o âmbito privado, influenciando discursos culturais e acadêmicos mais amplos. Hirsch (2012, 1-6) enfatiza a importância fundamental de proteger as conexões pessoais e geracionais com o passado traumático, um passado que alguns indivíduos vivenciam como uma “conexão viva”. Esse processo envolve navegar pela transformação dessas memórias em história coletiva ou em mito. A noção de pós-memória baseia-se na ideia de que os descendentes dos sobreviventes mantêm uma conexão íntima com as memórias do trauma, vivenciando-as, embora de forma mediada e alterada. A pós-memória diz respeito à relação dinâmica entre as gerações subsequentes e os traumas pessoais e coletivos de seus antepassados. Ela reflete um processo em que as experiências transmitidas, profundamente internalizadas, se comportam de forma análoga às memórias diretas, mas são distintamente mediadas pela imaginação. Hirsch emprega a metáfora de um “post-it” para elucidar o “pós” na pós-memória: ele adere à superfície de textos e narrativas, somando-se a eles, mas permanece capaz de ser deslocado ou recontextualizado. Esse enquadramento posiciona a pós-memória como uma estrutura transgeracional de memória traumática, que, mesmo em sua articulação “pós”, continua a desafiar a reconstrução narrativa e corre o risco de deslocar a história de vida de um indivíduo em relação à de seus predecessores. Embora Hirsch reconheça que a pós-memória se estende para além dos relacionamentos familiares, ela ressalta a intensidade dessa transmissão nos contextos familiares. O processo geralmente resulta na internalização de eventos passados sem total compreensão, uma característica do trauma que distingue a pós-memória de outras formas de envolvimento histórico.

Eventos recentes chamaram a atenção para a discussão do conceito de pós-memória. Marianne Hirsch (2024), em seu ensaio sobre a memória do Holocausto após os eventos de 7 de outubro de 2023, explora as complexidades da pós-memória. Ela enfatiza que, embora os descendentes de sobreviventes se identifiquem profundamente com as experiências de seus antepassados, essa conexão é vicária, mediada pela imaginação e por artefatos culturais, e não pela memória direta. Hirsch adverte contra a reencenação acrítica do trauma herdado, que pode levar a uma fixação na vitimização que obscurece os contextos mais amplos de injustiças históricas e contínuas, como a situação dos palestinos. Ela defende uma abordagem relacional da memória que promova a solidariedade e a justiça, reconhecendo vulnerabilidades compartilhadas entre grupos e desafiando ciclos de defesa e narrativas excludentes. A entrevista foi organizada pelos dois entrevistadores e conduzida pessoalmente por Fernando Gomes Garcia¹ em outubro de 2024, na cidade de Nova York.

¹ Esta entrevista foi possível graças ao financiamento da Capes na modalidade PDSE. Fernando Gomes Garcia realizou parte de sua pesquisa de doutorado no CCNY sob a supervisão do professor Dirk Moses.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Antes de mais nada, gostaríamos de agradecer pelo seu tempo e disposição para esta conversa. O tema principal de nosso diálogo será o termo de sua autoria, pós-memória, e suas implicações acadêmicas e para interpretações da realidade – especialmente aquelas preocupadas com a memória do Holocausto. Em seu livro *The generation of postmemory*, a senhora explica como se interessou pelos estudos do Holocausto e pela ideia da pós-memória em si. Poderia nos contar mais sobre isso? Você é filha de sobreviventes do Holocausto, seus pais saíram de uma Europa conflagrada. Como isso afetou sua vida? Como adulta e já pesquisadora, como o tema da representação do Holocausto se tornou um problema para você?

Marianne Hirsch

Cresci, como acho que sabem, na Romênia, e meus pais eram sobreviventes da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto na cidade chamada Czernowitz (hoje Chernivtsi, na Ucrânia), em uma região que era administrada pela Romênia, mas que colaborava com os nazistas. Eles não eram sobreviventes de campos de concentração ou de extermínio, mas estavam em um gueto, casaram-se no gueto e estavam sempre sob a ameaça de deportação, mas por pouco escaparam. Eu nasci depois da guerra, quando eles próprios eram refugiados dessa região que havia se tornado parte da União Soviética. Eles fugiram para a Romênia e, sim, tudo isso determinou muito minha infância e minha vida posterior. Meus pais não eram o tipo de sobreviventes que nunca falavam sobre a guerra – eles falavam sobre ela quase todos os dias e isso fazia parte de sua identidade e de sua identidade judaica. Cresci na Romênia com a ideia de que acabaríamos indo embora, pois o país era muito repressivo sob o comunismo, além de profundamente antissemita. Cresci em uma comunidade bilíngue (alemão/romeno) de sobreviventes e refugiados de Czernowitz. Essa história foi determinante, mas, sabe, quando vim para os Estados Unidos e cursei o ensino médio e a faculdade, não me preocupei nem um pouco com isso, pois estava interessada no novo e no futuro. Fiquei fascinada com o Novo Romance, a Nova Onda Francesa e o feminismo. Na verdade, fui olhando muito para o futuro, não para a história ou o passado. Meu interesse acadêmico por essa história veio muito mais tarde. Eu não queria estudar o mundo de meus pais, sobre o qual tanto ouvira falar. Quando eu estava no ensino médio, morava em Providence, Rhode Island, e havia um professor assistente na Brown que estava muito interessado na cultura literária de Czernowitz e ele me disse: “um dia alguém vai escrever a história literária de Czernowitz, e será *você*”. Pensei: “ah, não, essa é a última coisa que quero”, apenas pensar e trabalhar no mundo dos meus pais...

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Você destaca a importância da luta feminista tanto na sua vida pessoal quanto na acadêmica. Pode nos contar mais sobre como os estudos feministas, seus ambientes e influências moldaram sua trajetória? Qual é a relação entre gênero e a transmissão transgeracional do trauma? Como o gênero atravessa a pós-memória?

Marianne Hirsch

Tive muita sorte de ter entrado na faculdade no final da década de 1960, que foi uma época extremamente produtiva em termos de repensar tudo. Estávamos repensando as relações de gênero, os campos acadêmicos, estávamos envolvidos na luta contra a guerra do Vietnã e os direitos civis nos Estados Unidos. Eu me formei na faculdade em 1970, o ano do bombardeio do Camboja e dos assassinatos de estudantes na Kent State University, e não era possível continuar com os negócios como de costume. Precisávamos marcar esse momento e trabalhar para mudar tudo. Assim, o feminismo tornou-se minha causa e percebi a importância da solidariedade com outras mulheres e o quanto o gênero e o patriarcado moldavam tudo o que eu conhecia. Eu tinha apenas uma professora mulher em toda a faculdade e, junto com outras, comecei a entender como o poder funcionava para subjugar metade da humanidade e muito mais. Assim, o feminismo também foi um movimento de solidariedade com todas as pessoas que foram oprimidas, não apenas com as mulheres. Ele moldou um *ethos* de lutas libertárias em muitos tipos de subjugação nos Estados Unidos e no mundo. Queríamos imaginar um tipo diferente de mundo. Mas nos EUA, no início, o feminismo era um movimento branco, e foi preciso esperar até o início da década de 1980 para que houvesse uma consciência da interseccionalidade – de como a raça, o gênero, a sexualidade e a classe se cruzam e como todos eles precisam ser desafiados para que a mudança seja possível. Quando comecei a lecionar, em meados da década de 1970, e tinha uma comunidade de outras colegas mulheres, começamos a estudar escritoras e a trazer vozes que haviam sido esquecidas para um cânone expandido. Precisávamos entender o cânone e por que elas haviam sido excluídas e nos conscientizamos de como certas vozes podem ser simplesmente suprimidas.

E foi assim que cheguei à memória, tentando pensar em como a história é contada, como funciona como um campo e como pode ser reimaginada de modo a criar espaços para vozes que foram excluídas. Foi muito interessante para mim o fato de que nas comunidades feministas, conferências, workshops e grupos de trabalho dos quais participei, durante a década de 1980, descobrimos que muitas de nós tínhamos uma história comum que surgiu por sermos filhas de sobreviventes do Holocausto ou, no caso de nossas colegas afro-americanas, descendentes da escravidão, e como nosso feminismo foi moldado e relacionado a essas outras, embora relacionadas, histórias de perseguição. A questão da pós-memória realmente surgiu dessa ideia de uma luta por uma memória mais inclusiva e por um tipo de história mais ampliada que incluiria vozes que foram perdidas.

Portanto, não se trata apenas de gênero, mas de uma questão de inclusão e solidariedade.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Em seus dois livros, *Family Frames* e *The generation of postmemory*, você dialoga com o trabalho de Ewa Hoffman, que tem uma trajetória semelhante à sua como imigrante judia nos Estados Unidos. Em *Family Frames*, você aponta as semelhanças e diferenças de vocês duas como jovens que se mudaram para outro país. Ewa Hoffman, em seu livro *Lost in Translation*, destaca seu perpétuo deslocamento social, e você, em *Family Frames*, aponta que esse deslocamento não se deve totalmente à condição de emigrante, mas faz parte do amadurecimento de uma garota. Aqui, gostaríamos de pedir que você

comentasse sobre as características da segunda geração de imigrantes em outro país. Alguns estudiosos apontaram as características comunitárias que a segunda geração de sobreviventes do Holocausto e outros imigrantes têm. Até que ponto essas características de um trauma tardio que vemos em ambos estão relacionadas à experiência do Holocausto vivida por seus pais ou ao status de ser um imigrante?

Marianne Hirsch

Bem, acho que há uma diferença entre migrantes, imigrantes e refugiados, certo? E acho que é importante ter isso em mente. A trajetória de vida de uma família que teve de deixar o lugar onde vivia e se sentia em casa, ou o lugar onde foi perseguida e precisou encontrar outro lar, essa interrupção, creio eu, é realmente importante em termos dos tipos de estruturas de memória que tenho tentado elaborar. Esse deslocamento e essa interrupção criam estresse em uma história de vida. Fui influenciado pelo trabalho de Jan e Aleida Assman, que falam sobre três gerações de memória. Em um ciclo de vida mais comum ou tradicional, você herda memórias de seus pais e avós, formando três gerações do que os Assman chamam de memória comunicativa. Você se senta no colo do seu avô e ele lhe conta histórias do passado, ou da sua avó? E essas histórias são comunicadas de uma forma muito incorporada e também por meio da realização de tarefas cotidianas. A casa dos seus avós é diferente da dos seus pais, mas os objetos herdados, os álbuns de fotos herdados, as histórias herdadas moldam um modo de vida que é comunicado de forma incorporada. Mas quando esse ciclo é interrompido, essa memória comunicativa é quebrada. O que os Assmans argumentam é que a memória comunicativa dá lugar ao que eles chamam de memória cultural – a memória se torna institucionalizada. Ela está nos livros, nos museus, nos memoriais, nas aulas de história. A parte comunicativa é suplantada pela memória institucionalizada e não está mais disponível como tocável. Mas quando você interrompe a memória por meio do refúgio, da imigração, da perseguição ou do genocídio, essa transmissão comunicativa é interrompida. As pessoas e os objetos não estão mais lá para serem tocados, e a memória é transformada. Muitas pessoas emigram sem objetos ou álbuns. Portanto, acho que a estrutura da pós-memória que venho tentando elaborar se baseia nesses fragmentos e nessas interrupções que levam a uma memória muito mais fragmentada do que nas histórias de vida mais tradicionais.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Agora, gostaríamos de falar mais diretamente sobre o conceito de pós-memória. É um conceito muito bem-sucedido no sentido de que é usado por muitos pesquisadores do Holocausto. Mesmo assim, ainda temos algumas perguntas a fazer sobre pontos que a senhora aborda em seus livros e artigos sobre o assunto. A primeira pergunta é sobre a diferença entre memória e pós-memória e a diferença entre memória e história. A senhora define a pós-memória como uma espécie de memória tardia, como aquelas imagens poderosas do passado de alguém que são tão fortes como se fossem suas. Parece que é a memória de uma pessoa, mas não é. Ao mesmo tempo, é muito íntimo para ser chamado de história, certo? Então, você poderia falar mais sobre essa definição de pós-memória, que não é exatamente uma memória, mas não é história?

Marianne Hirsch

Bem, uma de minhas perguntas é por que, na década de 1980, a noção de memória se tornou necessária e urgente. Por que precisamos dela? Memória cultural, não memória pessoal ou familiar. Por que a história não é suficiente? E acho que é por causa do tipo de intimidade na forma como o passado é transmitido entre as gerações, não apenas por meio da leitura, da ida a museus ou da pedagogia escolar. Há algo mais que é transmitido, que é um pouco menos intangível e que tem a intimidade do toque, o senso de desempenho. A ação incorporada e outras coisas que são difíceis de explicar, como modos de vida, como as pessoas se vestem, como comem, como se relacionam umas com as outras, como se socializam. E para essas formas de transmissão da vida cotidiana, acho que o termo memória é mais preciso do que história. Quero dizer, o campo acadêmico da história se expandiu para incluir a história da vida cotidiana e até mesmo a história das emoções. Mas até mesmo isso é estudado com um pouco mais de distância. E quanto à nossa própria conexão pessoal com o passado e a maneira como o passado molda nossas vidas? Então, nesse caso, acho que o termo memória funciona para expressar isso. E não tanto da maneira Pierre Nora de ter aniversários nacionais, datas e espaços de lembrança, mas na vida familiar, comunitária e cultural. Para mim, o feminismo também foi importante no desenvolvimento de meus pensamentos sobre a memória cultural porque nos incentivou a observar os pequenos detalhes da vida cotidiana e não apenas as histórias maiores. A diferença entre a memória e a pós-memória é que a história dos meus pais parece muito presente, mas não aconteceu comigo. Ela veio por meio de suas histórias, as histórias que eles contaram, mas também de muitas outras maneiras, a maneira como eles viveram suas vidas em suas próprias comunidades, que estão impressas em mim e me moldaram. Mas isso é vicário. Estou usando a mim mesma aqui não porque quero contar minha autobiografia, mas como um estudo de caso sobre as formas como acho que a memória funciona. É claro que a memória não é de forma alguma mais imediata ou menos construída do que a pós-memória, mas há uma diferença na presença e na experiência. Acho que as linhas entre história e memória e entre memória e pós-memória são fluidas.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Aqui, podemos mencionar o comentário de Beatriz Sarlo. Sarlo tratou a pós-memória como uma categoria cuja utilidade ainda precisava ser comprovada. A autora entende que, se a diferença da pós-memória está no caráter mediado das lembranças, na captura de uma história e na construção de um discurso que se apoia em fontes secundárias, então bastaria chamá-la de memória. Afinal, para ela, a construção de um passado por meio de histórias e representações seria uma modalidade da história chamada de memória por seu envolvimento subjetivo. Sob essa perspectiva, o uso do prefixo “pós” seria dispensável. Você poderia comentar sobre isso também? Você acha que o discurso provocado pela memória de uma testemunha em um descendente é mais fragmentário ou vicário do que a reconstrução realizada por um terceiro, um historiador, por exemplo?

Marianne Hirsch

Bem, pelo que entendi, vocês estão certos. Ela diz que o “pós” não é necessário. Mas acho que ela também vê a ideia da parte subjetiva da memória e da pós-memória como uma forma de defender um tipo de vitimização que ela acha que é um desserviço no âmbito político. Eu a vejo dizendo que, no contexto latino-americano, os descendentes se apresentam como vítimas e, portanto, estão prestando um desserviço ao passado histórico.

Fernando Gomes Garcia

Ela diz isso e diz que toda memória é mediada. Portanto, a pós-memória é mediada como qualquer outra memória.

Marianne Hirsch

Eu concordo. Mas argumentar a favor de uma diferença entre gerações não é o mesmo que dizer que a memória é mediada ou imediata. Certo? Portanto, acho que se for algo que você mesmo vivenciou, é claro que a forma como você se lembra ou como conta a história já é mediada. Isso é um fato, mas ainda assim é diferente da geração seguinte ou de alguém mais distante. Também pensei que a estrutura da pós-memória, essa distância, não é apenas temporal, mas também pode ser espacial. Por exemplo, o furacão que acabou de acontecer na Flórida. Você e eu não estávamos lá, mas minha cunhada estava lá, então ela me contou sobre isso.

Eu estava muito preocupada com ela. Estou mais próxima do que você, que não tem um parente lá, certo? Estou mais próxima, então me sinto muito mais envolvida. De certa forma, é semelhante à estrutura da pós-memória estar testemunhando à distância, mas com um investimento pessoal. E quando se trata de um evento muito grande, como um furacão ou um terremoto ou o dia 7 de outubro em Israel, quando você tem um vínculo pessoal em jogo ou é interpelado por ele como testemunha, isso se assemelha à identificação que caracteriza a pós-memória – uma identificação que é sempre modulada pela distância.

Mas, para mim, essa ideia de pós-memória não é apenas uma história familiar, mas, como eu disse, é uma maneira de estar envolvido em um passado e entender os riscos desse envolvimento. Também é política – um desejo de reparar uma injustiça que aconteceu. Não é uma noção acadêmica desapaixonada. E acho que é isso que Sarlo não vê, mas ela se preocupa com o fato de que isso possa ser mal utilizado politicamente. É algo com o que também tenho me preocupado mais recentemente.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Embora o conceito seja usado com muita frequência, alguns autores, como você sabe, têm muita resistência a ele, como é o caso de Gary Weissman e Ernst van Alphen. Weissman aponta que o conceito herda uma espécie de fantasia da experiência, do testemunho. Como se a segunda geração tivesse vivido o Holocausto – ou qualquer outro evento traumático – e não seus pais ou avós. Como se a segunda geração fosse a própria geração sobrevivente. Há implicações éticas e de representação para essas fantasias, como a

mercantilização do Holocausto e sua transformação em um item da cultura pop ou em um item sagrado. Você chama a atenção para o fato de que a pós-memória não é uma identificação completa com o passado que não é seu, mas uma ponte entre o que está ausente e o que está presente. Em uma intervenção recente sua, *Rethinking Holocaust Memory after October 7*, você parece mais preocupada com um tipo de “identificação excessiva” entre a segunda e as gerações subsequentes com o evento em termos de “poderia ser eu” em vez de “a vítima não era eu”. Você poderia falar um pouco mais sobre essa essência dialética da pós-memória?

Marianne Hirsch

Na verdade, Gary Weissman abordou algo que também me preocupou muito recentemente, que é essa ideia de que as pessoas usariam indevidamente o status de ser descendente de sobreviventes do Holocausto e se sentiriam, como vocês usaram o termo, “sobreviventes de segunda geração”. Não, eles não são sobreviventes de segunda geração. Eles são descendentes de sobreviventes. Sempre insisti nessa diferença. Acho que tenho escrito contra esse perigo. Junto com escritores como [Patrick] Modiano, [Bernhard] Schlink, [Uwe] Tim e [Art] Spiegelman, insisto no fragmentário, no desconhecido, na ausência, nas lacunas. Há outros escritores de segunda e terceira geração que caem na armadilha de quererem ser os donos da história. Acho que estamos vendo os perigos dessa identificação excessiva, especialmente entre judeus e israelenses após o dia 7 de outubro. Portanto, gostaria de esclarecer algo de sua pergunta anterior, a noção de que a pós-memória só se aplica ao Holocausto. Ela tem sido útil para descrever e teorizar as memórias dos descendentes de outras catástrofes, e acho que tem funcionado bem nesses contextos.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Van Alphen, em sua crítica mais elaborada ao seu conceito, fala sobre uma continuidade de gerações em vez de uma ruptura e de uma cultura de vítimas na qual a segunda geração seria atraída. O conceito de pós-memória parece considerar uma ruptura dramática entre as gerações mais do que a continuidade entre elas. Ao mesmo tempo, a pós-memória é uma forma de falar sobre a transmissividade de um passado traumático para as gerações atuais, como a metáfora do post-it, uma memória suplementar. É realmente possível falar sobre a transmissividade do trauma entre as gerações? O conceito de pós-memória pode ser usado somente em situações em que há uma ruptura? E quando a tradição não transmite mais a memória em sua forma usual?

Marianne Hirsch

A leitura que faço de Von Alphen é que ele está basicamente dizendo que a pós-memória não é memória. A memória tem um certo sistema semiótico e, se você não estava lá, não se lembra. Eu estou dizendo que, sim, traumas ou experiências muito fortes e poderosas podem ser transmitidos de modo a gerar um tipo de memória, um tipo diferente de memória. Ele contesta isso e diz que, em alguns dos romances que ele discute, o motivo pelo qual as crianças ficam traumatizadas é porque têm pais ruins que sofreram muito e, portanto, têm uma infância ruim, não porque se lembram do Holocausto, mas porque os pais foram feridos por essas experiências e não conseguiram ser pais. Isso pode ser verdade. Não sei como podemos saber se é uma coisa ou outra. Acho que provavelmente

é um pouco dos dois. Mas acredito que experiências muito poderosas podem ser transmitidas a pessoas que não estavam lá. É isso que a literatura pode fazer. Ela nos faz sentir como se estivéssemos lá. Caso contrário, por que estaríamos lendo todos esses romances, certo? Quando uma escritora como Charlotte Delbo fala sobre a sensação de ter sede, você pode sentir isso em seu corpo. E é por isso que ela é uma comunicadora particularmente fantástica do que sentimos. E quando Modiano está fazendo suas pesquisas, você pesquisa com o protagonista. Você sente que realmente precisa saber muito bem.

Agora, a pós-memória depende do trauma? Existem outras experiências que são comunicadas com a mesma força? Pensei que talvez revoluções – momentos de mudança revolucionária. Maio de 68, movimentos como o movimento estudantil atual, talvez. Sabe, eu fiz parte do movimento estudantil em 1968-70. Acho que você pode transmitir um pouco desse poder de acreditar que o mundo pode ser um lugar diferente. O movimento pelos direitos civis ou a revolução argelina. Esses não são necessariamente traumas. São outra forma de mudança histórica coletiva e poderosa. Mas coletiva, não apenas individual. E mediada, multiplamente mediada, é claro, também. Então, acho que a pergunta é: essa estrutura de memória se aplica apenas à ruptura? Eu não diria que ruptura é o termo dominante. Acho que é mais um momento poderoso de mudança histórica que é um tipo de ruptura. Mas nem todo mundo vivencia esse tipo de momento de ruptura da mesma forma.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Diferentes autores propõem conceitos semelhantes ao de pós-memória. Mencionamos a “memória ausente” (*absent memory*) de Ellen Fine e a “história recebida” (*received history*) de James Young, mas há outros. Qual é a diferença entre pós-memória e esses outros conceitos? Poderiam ser estratégias diferentes para abranger o mesmo assunto?

Marianne Hirsch

Acho que muitos de nós têm pensado em um fenômeno semelhante. Acho que a “história recebida” de James Young é muito útil – é tanto o que aconteceu quanto como isso foi transmitido a nós. Elas estão interconectadas. Acho que todos nós estamos trabalhando com o mesmo fenômeno e criamos termos ligeiramente diferentes para descrevê-lo; cada um tem sua própria lógica. Acho que Froma Zeitlin usou o termo “testemunha vicária”. Geoffrey Hartman cunhou “testemunhas por adoção”. Acho que é praticamente a mesma síndrome para a qual todos nós estamos tentando encontrar uma linguagem. Acho que todos nós investimos na tentativa de descobrir algo e encontrar uma linguagem para isso porque vivenciamos isso não apenas acadêmica ou intelectualmente, mas também por meio de um tipo de compromisso pessoal.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Gostaríamos de abordar melhor uma questão já mencionada. Como você acha que os eventos recentes, principalmente o 7 de outubro, mas também a subsequente invasão israelense de Gaza, influenciam seu conceito de pós-memória? Afinal, esses eventos mostram uma prevalência da ideia de que “eu poderia ser a vítima do Holocausto” em vez de “eu não fui a verdadeira vítima”,

alimentando um sentimento de vítima que se aproxima de uma necessidade de vingança. Não estamos dizendo necessariamente que o conceito em si tem o poder de influenciar a consciência das pessoas, mas a questão é se você acha que ele foi mal utilizado como uma ferramenta descritiva. Diante desses eventos horríveis, você mudaria algo em seu conceito? Além disso, como sua visão da pós-memória reagiu aos usos recentes?

Marianne Hirsch

Como vocês sabem, tenho me envolvido bastante com essa questão. Acho que os eventos de 7 de outubro foram horríveis. Mas sinto que eles causaram uma espécie de reversão para uma visão da memória e dos estudos da memória que já foi superada. A visão do Holocausto como um trauma incurável e irreparável, absolutamente único e extremo, foi qualificada nos últimos anos. Acho que o campo e meu próprio trabalho começaram a mudar do trauma para o foco na cura, no reparo, e também se tornou mais comparativo e conectivo. Insisti no termo conectivo em vez de comparativo, ou o que Michael Rothberg chama de conceito multidirecional de memória, para sinalizar que, embora histórias diferentes não sejam necessariamente comparáveis, elas estão conectadas por meio de estruturas de perseguição e alteridade. Na última década ou mais, temos tentado descobrir o que podemos aprender uns com os outros nessas diferentes histórias catastróficas de colonialismo, escravidão, perseguição e injustiça. O dia 7 de outubro nos fez voltar a ver o Holocausto como uma história primária e excludente, diferente de tudo o mais, e um trauma que é de fato transmissível entre gerações e que definiu a história de Israel. Na verdade, ironicamente, o que aconteceu em Israel é que o 7 de outubro agora está sendo comparado ao Holocausto. Portanto, ele é único e nunca aconteceu antes ou novamente com ninguém, e agora está acontecendo novamente. Há uma espécie de contágio da vulnerabilidade e do medo judaicos e da vulnerabilidade israelense que, na minha opinião, o estudo do Holocausto sob a ótica do trauma irreparável possibilitou de certa forma. Nas décadas de 1980 e 1990, a noção de irreparabilidade, a noção de que as feridas sempre permanecerão abertas era um conceito operacional porque a justiça não havia sido feita. Tínhamos perpetradores que estavam em liberdade. Tivemos o julgamento de Klaus Barbie. Muitos ex-nazistas estavam vivendo vidas confiáveis. Participei de uma conferência em Ravensbrück na década de 1990. Ela foi realizada dentro do antigo campo de concentração e morte. Alguns dos guardas ainda moravam na cidade. Naquela conferência, alguns historiadores disseram “espere um minuto, como podemos discutir isso academicamente quando os guardas estão vivendo aqui e não foram levados à justiça?”. Portanto, essa ideia de que as feridas ainda estão abertas era uma ideia política, não apenas uma ideia de que o sofrimento será eterno ao longo das gerações. Era uma ideia política de dizer que precisamos de responsabilidade e justiça. E justiça não significa vingança ou retaliação. Justiça significa um sistema jurídico nacional ou internacional que possa ser acionado. Agora, acho que precisamos de responsabilidade, mas também precisamos de cura e as duas coisas estão relacionadas. Precisamos ser capazes de viver juntos. E aprendemos isso com o regime sul-africano pós-Apartheid, aprendemos isso em Ruanda, aprendemos isso no Camboja, aprendemos isso em alguns desses outros genocídios em que as pessoas estão vivendo lado a lado e tentando lidar com o passado. Isso não aconteceu após o Holocausto porque os sobreviventes não voltaram para suas antigas casas. Eles não eram bem-vindos lá. Esses lugares eram governados por regimes comunistas que não os queriam, não os aceitavam. Portanto, não se tratava de viver um ao lado do outro

e encontrar uma maneira de sobreviver como vizinhos. Esse desafio surgiu para aqueles que foram para a Palestina para viver com vizinhos diferentes, que, de certa forma, estão pagando o preço por crimes que não cometeram. Acho que aprendemos muito sobre o Holocausto com alguns desses genocídios subsequentes. E com as formas de justiça que foram encontradas, como a Comissão da Verdade e Reconciliação ou as Juntas Gacaca em Ruanda, que foram formuladas para encontrar um tipo diferente de solução para essas feridas. Essas estruturas comparativas podem ser esclarecedoras, mas depois do dia 7 de outubro em Israel, um tipo diferente de discurso tomou conta. Tem sido um contágio do medo de que o Holocausto tenha retornado e que a aniquilação seja sempre possível e esteja sempre próxima. Preocupo-me com o fato de que a maneira como estamos ensinando e pensando sobre o Holocausto, como um trauma interminável e irreparável, possa ter causado algum dano, mesmo que inadvertidamente.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Ainda sobre o tema dos usos do passado e dos eventos recentes, você acha que o conceito de pós-memória, ou como ele é usado para categorizar os fatos, deixa de considerar os conflitos de memória e a política de apagamento e silenciamento de certos passados traumáticos? Existe uma economia de memória no sentido de memórias concorrentes? Ou você acredita que podemos pensar em termos de uma memória multidirecional, como propôs Michel Rothberg? Sabemos que o conceito de pós-memória é usado para abranger formas de, por exemplo, autoficção que revisitam o passado colonial e seus legados. Mas como você vê a relação entre os estudos pós-coloniais e o conceito de pós-memória? Especialmente com relação a essas políticas de silenciamento e apagamento de certas memórias. Como é possível que uma pós-memória se desenvolva onde o trauma não é socialmente reconhecido?

Marianne Hirsch

Essa é uma questão muito pertinente: como a falta de reconhecimento pode traumatizar novamente e produzir uma pós-memória ainda mais problemática. Trabalhei muito com os legados do genocídio armênio ao longo de três e quatro gerações, talvez até cinco gerações agora. A noção de pós-memória tem sido útil para escritores e artistas sobre o genocídio armênio, porque é justamente a falta de reconhecimento do genocídio pela Turquia que produziu uma nova lesão repetidamente. A falta de reconhecimento torna o fato mais urgente e acho que torna a noção ainda mais útil. Quero dizer, a responsabilidade pelo Holocausto foi certamente reconhecida pela Alemanha e está moldando a própria identidade da Alemanha, mas a Europa Oriental, a Polônia, a Hungria, a falta de reconhecimento e de prestação de contas ainda está operando lá. Por que temos museus do Holocausto na Romênia, na Bulgária ou em alguns desses países? Porque eles querem entrar para a União Europeia. E para entrar para a União Europeia, eles precisam reconhecer sua própria cumplicidade no Holocausto. Caso contrário, isso nunca teria acontecido. Portanto, a falta de reconhecimento é algo que se alastra por toda parte. E, com certeza, é muito comum agora em termos das ações de Israel contra os palestinos. Acho que a multidirecionalidade é fundamental. Podemos aprender uns com os outros.

Fernando Gomes Garcia

Em suma, a pós-memória opera sem o reconhecimento oficial das atrocidades cometidas.

Marianne Hirsch

Bem, então você tem a experiência das vítimas, dos sobreviventes e de seus descendentes, e depois tem a história oficial, que geralmente é monumental e heroica. Temos a história dos perpetradores, geralmente uma história justificatória ou que monumentaliza o mal, como na Alemanha de hoje. No Marrocos, por exemplo, havia uma Comissão da Verdade e Reconciliação para as vítimas. “Contem-nos suas histórias”. “Contem-nos como vocês sofreram”. Os perpetradores não precisam ser levados à justiça para que as vítimas contem suas histórias. Mas aonde isso leva? Não produz cura. Isso não gera reparação, certo? É somente quando os dois trabalham juntos que se pode ter alguma esperança de reconhecimento e reparação.

Fernando Gomes Garcia
Sabrina Costa Braga

Por fim, algumas perguntas mais amplas. A segunda e a terceira geração de filhos de sobreviventes do Holocausto moldaram, para si mesmos e para o público, uma noção do Holocausto como um trauma único. Isso tem consequências políticas, como vemos hoje. Portanto, gostaríamos de perguntar: como a pós-memória funciona na fronteira entre o privado e o público? O trabalho do historiador, do crítico literário ou de quem quer que seja que decida mergulhar nos estudos do trauma (não apenas do Holocausto) pode contribuir para uma mudança efetiva no sentido de ajudar a resolver os problemas que a estrutura conceitual que eles usam esclarece?

Marianne Hirsch

Eu diria que a segunda e a terceira geração de filhos de sobreviventes do Holocausto não produziram todos uma noção do Holocausto como um trauma único. Quero dizer, alguns produziram e outros usaram essa memória no interesse da justiça social, da mudança social e da solidariedade com outros grupos. A tragédia do que está acontecendo hoje é que alguns desses descendentes usam sua pós-memória como álibi para a violência perpetrada no Oriente Médio, e outros a estão usando exatamente da maneira oposta para combater essa violência. Infelizmente, há essa divisão, e nem sequer conseguimos conversar uns com os outros. Mas alguns de nós se recusaram a usar o sofrimento de nossos pais ou avós como álibi para a violência, a guerra e o genocídio. Não é inerente à noção de pós-memória que o trauma seja herdado para ser usado como arma de guerra ou de proteção no interesse da segurança. Eu diria que isso é um mau uso. Acho que a partir dessa mesma história, a partir de qualquer história dolorosa, você poderia dizer que isso não deveria acontecer. Quero dizer, *nunca mais*, certo? Isso não deveria acontecer novamente. E não apenas para o meu grupo, mas para todos. Nossa vulnerabilidade é compartilhada em um mundo no qual nos vemos como interconectados.

Desde outubro do ano passado, tenho lutado contra o uso indevido da memória do Holocausto como álibi para a guerra.

REFERÊNCIAS

- HARTMAN, Geoffrey. *The Longest Shadow: In the Aftermath of the Holocaust*. Indiana University Press, 1996.
- HIRSCH, Marianne. Rethinking Holocaust Memory After October 7. *Public Books*, 2024. Available at: <https://www.publicbooks.org/rethinking-holocaust-memory-after-october-7/>
- HIRSCH, Marianne. *Family Pictures: Maus, Mourning, and Post-Memory*. *Discourse*, v. 15, n. 2, 1992, p. 3-29.
- HIRSCH, Marianne. The generation of postmemory. *Poetics today*, v. 29, n. 1, p. 103-128, 2008.
- HIRSCH, Marianne. *The Generation of Postmemory: Writing and Visual Culture after The Holocaust*. New York: Columbia University Press, 2012.
- HOFFMAN, Eva. *After Such Knowledge: A Meditation on the Aftermath of the Holocaust*. London: Vintage Books, 2004.
- ROTHBERG, Michael. *Multidirectional Memory: Remembering the Holocaust in the Age of Decolonization*. Stanford: Stanford University Press, 2009.
- SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado: Cultura de la memoria y giro subjetivo*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005.
- VAN ALPHEN, Ernst. Second-generation testimony, transmission of trauma, and postmemory. *Poetics Today*, v. 27, n. 2, 2006, p. 473-488.
- YOUNG, James E. *The Texture of Memory: Holocaust Memorials and Meaning*. Yale University Press, 1993.
- WEISSMAN, Gary. *Fantasies of Witnessing: Postwar Efforts to Experience the Holocaust*. Cornell University Press, 2004.
- ZETTLIN, Froma. *Vicarious Witness: The Memory of the Holocaust*. *Journal of Modern History*, v. 66, n. 4, 1994, pp. 781-789.

Marianne Hirsch

Entrevista recebida em 05/11/24 • Aceito em 10/12/24
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado